



# Geopolítica da Vigilância - Globalização e Guerras Híbridas

Pedro Diaz<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Ciência da Informação - IBICT - UFRJ.



**RESUMO:** Esse artigo busca traçar a globalização da vigilância como forma de manutenção e exercício de um poder global e geopolítico que utiliza-se da manipulação de bolhas informacionais para administração e produção da realidade social. Buscarei, para isso, apresentar casos concretos de conflitos e estratégias internacionais, onde a vigilância se desenvolve na produção globalizada do capitalismo contemporâneo em aparatos de tecnologias informacionais e mediatização de uma guerra híbrida. O aspecto central da doutrina da “dominância informacional global” é justamente o controle da segurança e da defesa onde conceitos como “guerra informacional” e “bunkerização da vida” exprimem os componentes da dita “sociedade do conhecimento” - a “noopolítica” como fronteira da “nooguerra”. Por fim, identificarei, nesse contexto, os atravessamentos acerca de um devir-hacker cripto-punk que se torna urgente para podermos pensar, evidenciar, denunciar e ir além de estruturas totalizantes de pensamento, tecnologia e política, atendo-se principalmente às estratégias de desinformação de massas pelas grandes mídias comerciais e suas intervenções disruptivas do desenvolvimento multilateral e democrático.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vigilância; Mídia; Geopolítica; Informação; Guerra; Hacker.

**ABSTRACT:** This article seeks to trace the globalization of vigilance as a form of maintenance and exercise of a global and geopolitical power that uses the manipulation of information bubbles for administration and production of social reality. I will seek to present concrete cases of international conflicts and strategies, where vigilance develops in the globalized production of contemporary capitalism in information technology apparatus and mediatization of a hybrid war. The central aspect of the doctrine of “global informational dominance” is precisely the control of security and defense where concepts such as “information warfare” and “bunkerization of life” express the components of the so-called “knowledge society” - the “noopolitical” as the frontier of the “nooguerra”. Finally, I would identify in this context the crossings of a crypto-punk becoming-hacker that becomes urgent so that we can think, evidence, denounce and go beyond totalizing structures of thought, technology and politics, focusing mainly on disinformation strategies by mass media and its disruptive interventions in multilateral and democratic development.

**KEYWORDS:** Surveillance, Media, Geopolitics, Information, War, Hacker.

“Agora somos um império e, quando agimos, criamos nossa própria realidade. E enquanto vocês estão estudando essa realidade – judiciosamente, como o farão – nós iremos agir novamente, criando outras novas realidades, as quais vocês podem estudar, e isso é como as coisas irão se desenrolar. Somos atores da história (...) e vocês, todos vocês, vão limitar-se a estudar o que fazemos.” (Suskind, 2004)<sup>2</sup>

Desde os primeiros dias que se seguiram ao atentado de 11 de setembro, Bush prevenira: “os Estados Unidos iam se lançar em um novo tipo de guerra, uma guerra que requer de nossa parte uma caça ao homem internacional”<sup>3</sup>. O que a princípio soava simplesmente como um slogan pitoresco de um caubói texano fora depois convertido em doutrina oficial e internacional de Estado, com especialistas, planos e armas bélicas junto ao desenvolvimento de sistemas info-digitais de vigilância aprovando o *Patriot Act*<sup>4</sup>. Em uma década constitui-se uma forma não convencional de violência de Estado que combina as características díspares da guerra e de operação policial que encontra sua unidade conceitual e prática na noção de caça militarizada ao homem globalizado que agora, após dez anos, ainda se intensifica em um segundo projeto de lei, o *Cyber Patriot Act* (CISA). A primeira tarefa não é mais imobilizar ou aniquilar o inimigo e sim identificá-lo e localizá-lo. Isso envolve todo um trabalho de detecção generalizada com o uso intensivo das novas tecnologias que combinam vigilância aérea, informacional, vídeos e gravações, interceptando sinais e traçados sócio-cartográficos. A topografia das conexões é uma extensão da prática generalizada da análise de redes sociais utilizadas para desenvolver os perfis dos indivíduos de grande interesse ou valor traçando fóruns sociais e ambientes que ligam os indivíduos uns aos outros em “nódulos-chaves” estratégicos. A expansão da “Nuvem” como campo de agenciamento conectivo e virtual.

Os “dotcoms” no começo da internet global pela década de 1990 foram laboratórios para a formação de novos modelos de produção e Mercado, mas no final o Mercado estava sufocado por monopólios e exércitos de auto-empresendedores e pequenas iniciativas dispersas que finalmente foram sujeitados à precárias formas de emprego em um tipo de cognitariado. As corporações acabaram por tomar a liderança na nova economia de rede (“net-economy”) e aliaram-se com os grupos dominantes da velha oligarquia, bloqueando e pervertendo o próprio projeto de globalização. O Neoliberalismo produziu sua própria negação: a dominação de monopólios e a ditadura de Estados-militares. A promessa ao qual estava implícita a nova economia virtual oferecia grandes recompensas e participação nas fortunas econômicas do novo sistema. Porém, logo veio o “Bug do Milênio”, o “data-crash”,

---

2 (Suskind, Ron. “Faith, Certainty and the Presidency of George W. Bush”, 17/10/2004). (Embora não seja atribuída, muitos acreditam que elas foram ditas no verão de 2002 por Karl Rove, um importante assessor do presidente George W. Bush.)

3 “President Speaks at FBI on New Terrorist Threat Integration Center”, 14 fev. 2003. In: CHAMAYOU, G. *Teoria do Drone*. 2014. p. 30.

4 USA PATRIOT Act é o acrônimo “Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act” de 2001 (em português algo como “Ato de Unir e Fortalecer a América Providenciando Ferramentas Apropriadas e Necessárias para Interceptar e Obstruir o Terrorismo”).

o colapso do novo milênio 2000 adiantando e iniciando novas condições de terror e controle na modernidade intensiva tardia, midiática, financeira e informacional. A imaginação social estava carregada de expectativas apocalípticas no mito do tecno-colapso global que levou ondas midiáticas e especulativas aterrorizantes por todo o globo. Nada aconteceu naquela noite de ‘millennium’, mas a psique global tremeu e fraquejou à beira do abismo (BERARDI, 2014, p 160).

A semiótica da governamentabilidade hoje depende da gestão diferencial do público (posteriormente transformado em audiências eleitorais) que substitui a gestão hegemônica da opinião nas sociedades disciplinares. A otimização das diferenças “semióticas” de opinião visa no fundo à uma homogeneização da subjetividade (um nivelamento da heterogeneidade que não tem precedente na história humana) e toma a forma de um novo conformismo da diferença, um novo consenso da pluralidade. Com o avanço da propaganda nos anos 1920 e, posteriormente, com o advento da televisão, uma máquina valorativa cada vez mais bem organizada se desenvolveu, da qual o Google, Apple e Facebook podem ser considerados a nova fronteira de interesse (principalmente depois da quebra da bolha do mercado imobiliário nos Estados Unidos em 2008, transferindo investimentos para o setor tecnológico do Silicon Valley<sup>5</sup>). Isso mostra o deslocamento constante da fronteira, buscando e criando outros territórios de expansão e imperialização arbórea do poder capital de investimento. O novo ‘celeiro do mundo’ é o mercado informacional emergente em uma “economia de Mercado informacional” que transborda na vigilância gerenciadora de toda uma diplomacia internacional. Criam-se bolhas de valoração e exploração para aliviar e compensar as despesas investidas em outras bolhas financeiras, predando assim, toda a especulação ativa de áreas estruturais de economia real. Com isso, marcam a intensificação e uso de um tipo de corrupção ideológica e totalitária que mobiliza governos, infraestruturas e ideologias a corresponderem à uma forma organizacional, supranacional e trans-estatal de produção e valoração financeira/econômica. Tal escalonamento emergente levou às denúncias feitas por vazamentos de documentos e registros desde o caso do *Wikileaks* ao analista de sistemas ex-contratado pela CIA/NSA, Edward Snowden.

A ideia desse arquivo-geral que garantisse antecipadamente a rastreabilidade retrospectiva de todos os itinerários e de todas as gêneses busca a capacidade de estocagem, indexação e análise que os sistemas atuais não possuem: o princípio de arquivamento total ou de um filme de todos os eventos e vidas. A vigilância info-óptica, não se limita à vigília em tempo real. Ela se redobra como uma função de gravação e arquivamento produzindo uma

---

5 Por exemplo temos a biografia da vice-presidente do banco Morgan Stanley, Ruth Porta: fora vice presidente do banco Morgan Stanley durante a crise de 2008, mudando para a presidência da Alphabet In., subsidiária da Apple onde produz material interativo e didático educativo. Ela é membra do Comitê de Consulta de Empréstimos do Tesouro dos Estados Unidos, na banca do Fundo de Investimentos da Universidade de Stanford, na banca dos diretores do Conselho de Relações Exteriores, na banca do Clube de Seguros Econômicos de Nova York e do Comitê de Bretton Woods assim como membra do Conselho de Consulta do Centro Fiscal Hutchins e da Instituição de Política Monetária e Fiscal. Cf.: *Financial Oligarchy and the Crisis – Entrevista do Professor do MIT Simon Johnson com Harvey Stephenson*. Grand Cayman, Cayman Islands, 20 January 2010

cartografia temporal dos acontecimentos para que se possa rastrear em uma topografia cronológica, rastreando sua genealogia de ameaças e seus possíveis desdobramentos – “Se uma cidade pudesse ser vigiada de uma só vez, os carros-bombas poderiam ser rastreados até seu ponto de origem” (CHAMAYOU, 2014, p. 33).

Comparando com o sistema de vigilância operacional dos drones, a imprensa reporta que apenas no ano de 2009 as gravações produzidas geraram o equivalente a 24 anos de gravações ininterruptas (Ibid). Em um novo sistema que promete gerar vários terabytes por minuto, desenvolvido para jogos de futebol americano, performa-se um *software* que indexa cada momento filmado em diversas câmeras e reúne suas informações em um código temporal. Encontramos aí justamente o problema onipresente da contemporaneidade, o “*data overload*” – sobrecarga ou avalanche de dados que acaba por tornar a informação altamente profusa e inexplorável. Os locutores esportivos querem coletar e catalogar vídeos sobre um jogador específico ou um bom arremesso, os militares querem dispor da capacidade semelhante para seguir insurgentes (a guerra futura, prevenia há muito tempo Walter Benjamin, apresentaria esse aspecto esportivo que superaria as categorias militares e colocaria as ações guerreiras sob o signo do recorde). A etapa seguinte portanto, seria a de automatizar a indexação dos dados. Confiar à máquina a tarefa fastidiosa de indexar as etiquetas (*tags*) de referência nos metadados, construindo sistemas cognitivos integrados para a vigilância automatizada, fundindo as diferentes camadas de informação e as combinando em interfaces de visualização e gerenciamento (é o conceito de “*data fusion*”) (Ibid p. 43). Segundo um analista da *Air Force*:

Hoje, analisar imagens capturadas pelos drones é uma atividade entre trabalho social e ciências sociais. O foco está na compreensão dos ‘esquemas de vida’ e nos desvios desses esquemas. Por exemplo, se uma ponte normalmente cheia de gente se esvazia de repente, isso pode significar que a população sabe de uma bomba ali. Agora vocês estão começando a fazer um trabalho de estudo cultural, estão observando a vida das pessoas. (In.: CHAMAYOU, 2015, p. 37)

Um desses órgãos de apoio à estratégias info-tecnológicas, trata-se de um órgão ultra-secreto, ligado à NSA, chamado *Sinio Council*, que estuda as dinâmicas de cada país, com objetivo de promover interferências que atendam os interesses econômicos e políticos dos Estados Unidos, em especial do governo e das corporações norte-americanas. Uma lei promulgada neste ano de 2016, o “*Countering Information Warfare Act of 2016*” afirma esta tendência acirrada da militarização da diplomacia e da globalização para “contrariar propaganda e desinformação estrangeira, e para outros propósitos”:

114<sup>TH</sup> CONGRESS  
2<sup>D</sup> SESSION

**S. 2692**

To counter foreign disinformation and propaganda, and for other purposes.

**FIGURA 1.** Countering Information Warfare Act of 2016 - disponível em: <https://www.congress.gov/bill/114th-congress/senate-bill/2692/text>

Observamos aqui mais uma vez esse caráter do duplo negativo da informação representacional que sequestra e reutiliza termos de resistência para suplantar uma estratégia de poder e controle (informacional e ideológico). Um devir-hacker se contrapõe a um devir-midiático em uma estratégia Bunker se ligarmos ao que Eugenio Trivinho denomina de fenômeno da “bunkerização da vida”, uma bunkerização da existência e da experiência cotidiana. Aproximando-se a comunicação e a produção de vida do campo bélico, sistemas sociais “Apocalípticos e Integrados” (ECO, 1968) onde a “lógica” do poder contemporâneo não consiste em enfrentarmos a crise, mas em gerirmos suas consequência. A transformação constituinte destes processos tecnológicos, midiáticos e sociais compõe uma aceleração de referências existenciais da verdade e do real, introduzindo o medo e a insegurança no campo social – dividir para conquistar ao mesmo tempo que os processos são geridos por tecnologias de vigilância, marketing dirigido e manipulação de uma opinião pública. A racionalidade política subjacente a esse tipo de prática é a da medida de segurança para o social que não é destinada a punir mas somente preservar a sociedade contra o risco que ela corre em seu seio na presença de seres perigosos<sup>6</sup>. Daí o imperativo categórico para potências globais de perpetuar um sistema de “global information dominance”. A hegemonia cultural se confunde com o exercício do softpower, o poder de sedução e o recuo das estratégias que recorrem à força e à coerção (MATTELART, 2005, p.9).

As grandes empresas de Tecnologia da Informação (TI) estão cada vez mais a frente dos poderes estatais de coordenação e controle do tráfego informacional global. A supervia informacional junto ao portal da web está enquadrando uma nova hierarquia na Data-esfera e pavimentando um caminho para uma cartografia específica da internet de redes. O processo de (des) mapear nos convida a uma nova relação espacial na era das redes globais, de altas frequências de comércio, cabos submarinos e rotas automatizadas e contra esse fundo constitutivo, uma nova medida de crítica pode se tornar tão simples como o atraso latente da transmissão entre servidores e terminais (o “lag” ou o tempo de Ping). O trânsito digital reposiciona países em um mapa onde se projetam as melhores conexões e exclui ou limita outros, em uma constante compressão, “ejetando” os mais lentos e fracos à periferia informacional - o novo gueto do mundo conectado. Baseado em um “comando de Ping”, esse projeto faz a manutenção dos 193 países da ONU de acordo com o tempo de resposta em relação à seus ‘sites’ governamentais, definindo suas distâncias e presenças virtuais na rede, como expressado geograficamente por Mark Graham:

---

6 No Brasil, a primeira iniciativa desenvolvida fora a criação do ‘Centro de Defesa Cibernética’ (CDCiber) onde teve como primeira missão o monitoramento de rede da Rio+20, a conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, que aconteceu no mês de Junho de 2012 e foi um ambiente comum para ataques vindo de hacktivistas. O evento fora a prova de fogo para a estrutura de defesa contra ataques cibernéticos do país que reunia cerca de cem chefes de Estado e de governo.





**FIGURA 2.** “Age of Internet Empires”  
 Disponível em: <http://geography.oi.ox.ac.uk/?page=age-of-internet-empires>

O aspecto central da doutrina da “global information dominance” é justamente a segurança e a defesa. Conceitos como “netwar” e “cyberwar”<sup>7</sup>, exprimem os componentes da dita “sociedade do conhecimento”, a “noopolítica” como fronteira da “nooguerra”. Trata-se aqui de controlar agendas de prioridades de tal forma que se imponham naturalmente à outros países, conduzindo-as a aceitar as normas e instituições conforme os interesses hegemônicos. Nessa lógica de segurança baseada na interceptação preventiva de indivíduos perigosos, a guerra toma forma de vastas campanhas de execuções e perseguições extrajudiciais. O ‘Predator’ ou ‘Reaper’ – (aves de rapina e ceifador da morte) são nomes de veículos não tripulados (VANTS ou DRONES) e indicam literalmente a representação de suas funções e propósitos.

7 A netwar é feita contra os novos inimigos que recorrem às redes: os cartéis da droga, os ativistas, os terroristas, etc. A cyberwar aplica-se às novas formas da guerra tornadas possíveis graças ao domínio das tecnologias da inteligência, da vigilância e do reconhecimento. (MATTELART, 2005. p.10. Disponível em: <http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/>. Acesso em: 27/06. 2016.)

O controle portanto, é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado. “O homem não é mais o homem confinado em instituições” e sim o homem envidado e rastreado por sistemas info-vigilantes de indexação e cobrança em “extituições” de gerência e controle - “Pobres demais para pagar a dívida, numerosos demais para o confinamento” (DELEUZE, 1992a, p. 220). O controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas em seus movimentos de contra-ação e resistência. Se na sociedade disciplinar a normalização constituinte era muito pautada pela palavra de ordem, na sociedade de controle torna-se o algoritmo, a cifra, o código ou a senha de passagem entre a o controle e a fluidez de circulação (bens, pessoas, informação, etc). A especialização tecno-social de controle se engendra por dentro, se especializa, se condensa e articula em novas formas de interação e existência, constituindo-se também como agenciamento desse devir-hacker de que estamos tratando. O lado totalitário e agenciado do devir-hacker está na ênfase em vigilância, manipulação informacional e subjetiva da opinião pública, jogada em camadas aparentemente confusas e desconectadas, escondendo os verdadeiros intuitos estratégicos de poder e controle em guerras chamadas de 4ª geração<sup>8</sup>, esbarrando e transbordando o desenvolvimento aplicado das teorias do caos, incerteza e complexidade na era pós-keynesiana (FILHO, ARAÚJO, 2000).

A violência é, doravante, parte essencial da instalação do projeto econômico global, ou melhor, da “representação do mundo” (shaping the world). Seu instrumento comum: o domínio do tempo eletrônico, a observação e a escolha do público alvo em tempo real. Timely knowledge flow: a divisa da nova doutrina militar sobre o network-centric war desde a guerra do Afeganistão é também a dos estrategistas da economia (MATTELART, 2005, p.12).

O processo onde pessoas são postas como alvo em listas da morte (“Kill Lists”) e ultimamente são assassinadas por ordens de alto escalão em segredo e sem provas ou processos jurídicos e transparentes se configura em uma ‘necro-ética’ de guerra. Listas de vigias que monitoram pessoas pelos bastidores classificando-as, atribuindo números processados e indexados, gerando sentenças de morte sem aviso prévio em um campo de batalha global sem limites ou fronteiras. Uma doutrina toda sendo desenvolvida nos termos “find, fix, finish” (encontrar, decidir, finalizar) combustadas após o marco de onze de setembro (9/11)<sup>9</sup> como engenharia social do terror, do medo e decepção. A guerra sem fronteiras está finalmente refinada e institucionalizada. Seja através do uso de drones, mísseis, incursões noturnas, manipulação midiática dos fatos ou novas plataformas e estratégias ainda não totalmente relevadas, o que vemos através de vazamentos, ‘hacks’ e até por pesquisas mais específicas é

8 O termo “guerra de quarta geração” vem sendo empregado para designar o conflito multidimensional, envolvendo ações em terra, no mar, no ar, no espaço exterior, no espectro eletromagnético e no ciberespaço. Nesse contexto estratégico, o “inimigo” pode não ser um Estado Nacional, mas um grupo terrorista ou outra organização criminosa qualquer.

9 CF.: FUERZA, Zander. “Masters of Deception: Zionism, 9/11 and the War on Terror Hoax”, 2013.



que a normalização do assassinato sigiloso é um componente central na geopolítica contemporânea, principalmente na política de contra-terrorismo dos Estados Unidos<sup>10</sup>.

Com a autonomização dos grandes meios (de comunicação e tecnologia) em relação aos meios políticos no meio do século XX, a questão da relação entre mídia e política (e cada vez mais a polícia e a guerra) se retorce à seu duplo em alianças transnacionais de gestão e controle em todos âmbitos: estética, política, ideologia e belicosidade. Um outro fenômeno introduzido na chamada globalização neoliberal em que a mídia tem o papel de domesticar e normalizar a população para aceitação da estratégia de aprofundamento e aceleração neoliberal.

...a partir dos anos 1980, o consumo, a comunicação e a cultura de massa vem se tornando parte de um processo de integração e cooptação de “singularidades” de tal modo que o problema, desde então, tem sido o seguinte: como integrar as singularidades, as diferenças, as minorias no sistema uniformizante e nivelador de valorização e acumulação capitalista? Os empresários estão tentando criar as condições para alguma singularização pelo menos nos vetores de produção. Isso significa, que nessas estruturas estratificadas, uma tentativa esta sendo feita no sentido de criar margens suficientes que permitam que esses processos se deem, desde que o sistema capaz de cooptá-los permaneça absoluto. (GUATTARI, 1992, p. 183).

Os “bancos de dados” que funcionam como dispositivos de marketing reunindo, especulando, filtrando e vendendo milhões de dados sobre comportamento, hábitos de consumo, localizações etc inferem diretamente na produção do ‘tempo livre’, sempre alimentando máquinas de agenciamento de gostos e créditos de compra. Os gerenciamentos dessas bolhas “dividuais” são classificados em dados com valor agregado, cujos perfis são compostos pelo cruzamento de dados em algoritmos em servo-controles de entradas e saídas, inputs e outputs das máquinas de produção e consumo. Os mecanismos de feedback são ferramentas de governança algorítmica - o processo em si (ou melhor, os processos) procedem em uma escala e escopo além do cotidiano visível humano (mesmo que tecnologicamente assistidos por agentes humanos), em ambos os casos, o ser humano rende sua agência política sobre-humana – “*übermenschlich*” (sobre/super-humano) – aos sistemas computacionais dessa administração algorítmica.

A maquinaria midiática busca sempre absorver e inferir um valor normativo, adaptável e mais fixo, como uma ‘prótese’ imaterial do imaginário (simulacro) individual e coletivo. Destinada à realização “maquínica” (LAZZARATO, 2014, p. 30) ampliada da subjetivação cul-

---

<sup>10</sup> Em setembro de 2009, o Gen. David Petraeus publicou uma ordem executiva chamada “Joint Unconventional Warfare Task Force” que habilita as bases para forças militares conduzirem ações clandestinas e expandidas no Iêmen e também em outros países. Permite forças especiais ‘americanas’ a entrar em qualquer país, aliado ou inimigo, para “construir redes que podem penetrar, atraparar, derrotar e destruir a Al’ Qaeda e qualquer grupo militante, assim como preparar o ambiente para futuros ataques por forças militares americanas ou locais. Disponível em NY Times, 24 de Maio, 2010: [http://www.nytimes.com/2010/05/25/world/25military.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2010/05/25/world/25military.html?_r=0)

turalmente conservadora e condicionada segundo as necessidades de preservação do sujeito típico (radio-ouvinte, telespectador, internauta), os valores da mídia empresarial sustentam o real mediático - fluxo informacional e apropriação social, projeção sócio-técnica instituída e reificada como parâmetro cultural. Para Coyne (2001, p.8), as tecnologias de informação e comunicação (TICs) estão “intimamente ligadas à linguagem e, portanto, à interpretação”. Elas operacionalizam uma visão da linguagem em termos de correspondência: “se as palavras correspondem às coisas, então as palavras, códigos e sequências de símbolos num computador podem representar o mundo e construir novos mundos” (ibid.: 9)<sup>11</sup>. A reverberação tecnocultural da mixagem sociotécnica engendra um processo social de agenciamento integral do sujeito, de seu corpo e de sua subjetividade para fazê-lo compreender o social, o outro e o si-próprio consoantes às necessidade (estruturais ou conjunturais) de autoprodução e reprodução civilizatória desse capital ‘glocal’, intensivo e tido como chave para outros mundos de existência (TRIVINHO, 2007).

A ‘inclusão’ compartimentalizada em bolhas de acesso e auto-ilusão interativa são hierarquizadas e excluídas pelo capital controle, invisível em suas fronteiras de vigilância e dominação. A exposição mediática (semiótica audiovisual intensiva) como ferramenta desse poder de ilusão e controle, se desdobra precisamente como forma de aculturação mediática integral em sua modalidade de agenciamento antropológico e civilizatório, permanente e ampliado (Ibid: 33). O acesso integral como ilusão e controle dos territórios de produção e agenciamento i(materiais) opera como se flexionasse, por suavíssima persuasão pré-simbólica, intensiva e a-racional, o desejo dos sujeitos (em especial, as novas gerações) na direção de sua projeção social (povoamento e colonização) mediante uso de tecnologias comunicacionais. “Não foram as máquinas que fizeram o capitalismo, mas, ao contrário, o capitalismo é que fez as máquinas e não para de introduzir novos cortes graças aos quais ele revoluciona os seus modos técnicos de produção” (DELEUZE, GUATTARI 2010: 16).

O combate contra algum inimigo ‘terrorista’ (agora sempre desconhecido) se mostra através das armas de vigilância e controle na formulação de novas fronteiras de disputa e produção de territórios (ou zonas) na globalização contemporânea internacional. Os quatro cavaleiros do Info-apocalipse (ASSANGE, 2013) - a pornografia infantil, o terrorismo, a lavagem de dinheiro (corrupção) e a guerra contra as drogas - se afirmam como ponta de lança ideológica e securitária, como justificativa e prerrogativa moral à construção desse sistema paralelo e belicoso em cruzamentos internacionais e trans-Estatais.

A interceptação de metadados implica a necessidade de construir um sistema que intercepte fisicamente os dados e depois os descarte, mantendo apenas os metadados que são estruturas informacionais para gerência das informações. O agravamento da complexidade de registro e coleta e a questão do sigilo se tornam cada vez mais conflitantes, produzindo

---

11 Vale lembrar que tal perspectiva adquire com frequência tonalidades místicas, quando todo o mundo passa a ser visto como uma vasta teia de elementos interconectados. Essa concepção “hermética”, presente no célebre poema de Baudelaire, *Correspondances*, está na base daquilo que Foucault definiu como a *épistémè* do século XVI, fundada na lei das analogias (cf. 1966, especialmente o capítulo II, “La prose du monde”).

estruturas físicas militarizadas e sigilosas do tamanho de prédios comerciais e lagoas ou piscinas artificiais de água para o resfriamento das máquinas de armazenamento e processamento. Oculta pelo sigilo e pela complexidade, a prestação operacional de contas e dados é endêmica da produção e intensificação da área de vigilância. É impossível controlar a interceptação em massa por meio da legislação e da política pois é barato e fácil demais contornar a prestação de contas. Acabam por regulamentar a tecnologia em si mais do que seu uso, o que geralmente ocorre em estado de exceção. Os 'Kits' de interceptação em massa são capazes de interceptar metade de um país ou uma cidade inteira, operados por órgãos secretos de vigilância adjacentes à institucionalidade estatal – Trans-estados da sombra – como no logo do Wikileaks onde vazamentos informacionais buscam a transparência global:

As tecnologias de vigilância são comercializadas internacionalmente e as tecnologias de contra-vigilância geralmente são retidas, financiadas e subsidiadas nos próprios países desenvolvedores de criptografia, utilizando-a estrategicamente na segurança de sua própria comunicação interna; já os compradores das tecnologias de vigilância acabam muitas vezes sendo vigiados pelas falhas de segurança, no caso, intencionais, em saídas de controle por “Back-doors”<sup>12</sup>. Dessa forma, pode-se rastrear e visualizar toda uma rede produtiva de certo país, tornando-o alvo de ataques ‘suspeitos’, mesclados e híbridos de espionagem industrial.

As estratégias de vigilância possibilitam levantar e investigar os equipamentos de vigilância dos alvos escolhidos, quem são as pessoas no controle, suas fraquezas, temores e hábitos, quem compõe os governos e empresas, seus elos e elementos chave de cada articulação, como uma administração quase que epigenética do tempo concomitante e emergente em suas mutações processuais. Articulam, assim, uma visão estratégica dos próximos movimentos do tabuleiro, em um jogo sujo em que a regulamentação de tais sistemas é a última coisa que irão fazer justamente por estarem afundados na produção de vigilância e corrupção generalizadas, principalmente no campo da espionagem industrial e econômica tanto em



**FIGURA 3.** Logo da WikiLeaks, uma ampulheta com um globo vazando de cima para baixo

<sup>12</sup> Caso da empresa ZTE da China – Os países africanos que estão ganhando investimento de capital chinês em infraestrutura de internet e comunicação, incluindo aí cabos de fibra óptica e rede de celulares. A empresa ZTE é uma fabricante chinesa (há também a Huawei) de aparelhos eletrônicos que foram suspeitadas de conter ‘backdoors’, onde falhas intencionais de segurança são usadas para grampear o fluxo informacional. Esse investimento estrutural se mostra em uma busca por hegemonia e controle da rede produtiva de um país ou determinado alvo, submetendo regiões subdesenvolvidas ao controle vigilante do valoroso investimento externo, de forma que, o retorno lucrativo é recebidos em outra espécime, em dados, a nova moeda. In: ASSANGE, 2013, p. 48.



nível geopolítico quanto em empresas em competição<sup>13</sup> - que se beneficiam desse tabuleiro informacional tanto no mercado de ações financeiras quanto em possíveis flutuações e manipulações de câmbio (ASSANGE, 2013: 69).

Nós damos nossos dados manipulados e agenciados dentro de nossa meta-máquina computacional e, em troca, ganhamos um acesso mínimo à cultura, tida em uma utopia interativa auto-didática, distante e segura em bolhas de gosto ou interesse. O usuário se torna produto e não mais cliente, ainda que pague pelo ponto de acesso, produzindo assim, essa auto servidão maquínica (LAZZARATO, 2014:18), onde o sujeito paga (se endivida) duplamente, tanto em seu trabalho de movimentação na rede, através de hábitos e interesses rastreáveis e que alimentam perfis, quanto pelo pagamento do serviço das grandes operadoras que cada vez mais restringem a internet e cobram preços mais elevados. Configura-se um duplo agenciamento maquínico ao qual um devir-hacker cripto-punk se torna endêmico para podermos pensar, evidenciar, denunciar e ir além dessas estruturas totalizantes. Não é uma questão de vanguarda política e sim de construir através do sistema político novas capacidades de expressão e produção, participando do processo de compartilhamento de ideias sem precisar estar centralizado em alguma única instituição que perpassse ou extrapole em 'extituições': partidárias, midiáticas, políticas, produtivas etc.

Com efeito, num primeiro caso, quanto mais a organização molar é forte, mais ela própria suscita uma molecularização de seus elementos, suas relações e seus aparelhos elementares. Quando a máquina torna-se planetária ou cósmica, os agenciamentos têm uma tendência cada vez maior a se miniaturizar e a tornar-se microagenciamentos. Segundo a fórmula de Andre Gorz (2013), o capitalismo mundial não tem mais como elemento de trabalho senão um indivíduo molecular, ou molecularizado, isto é, de "massa". A administração de uma grande segurança molar organizada tem por correlato toda uma microgestão de pequenos medos, toda uma insegurança molecular permanente, a tal ponto que a fórmula dos ministérios do interior poderia ser: uma macropolítica da sociedade para e por uma micropolítica da insegurança<sup>14</sup>. No entanto, o segundo caso é mais importante ainda, dado que os movimentos moleculares não vêm mais completar, mas contrariar e surpreender a grande organização mundial. É o que dizia o presidente Giscard d'Estaing em sua lição de geografia política e militar: quanto mais se equilibra entre leste e oeste, numa máquina dual, sobre-codificante e super-armada, mais se "desestabiliza" numa outra linha do norte ao sul. Há sempre um Palestino mas também um Basco, um Corso, para fazer uma "desestabilização regional da segurança"<sup>15</sup> (DELEUZE, 1996, p. 86).

---

13 A Lockheed Raytheon e Northrup são grandes empresas de produção e negociação de armas que sempre disputaram acerca de sua produção e inovação tecnológica e militar, desenvolvendo a construção de sistemas de interceptação em massa junto à favores e chantagens escusos de sempre quando se trata de negociantes de armas, sempre alegando a segurança nacional para finalidades de sigilo e divulgação pública.

14 Sobre essa complementaridade "Micropolítica da segurança - micropolítica do terror", cf. Virilio, *ibid.*, pp. 96, 130, 228-235. A gerência da micro-organização de um "stress" permanente e gerenciado.

15 V. Giscard d'Estaing, discurso de 10 de junho de 1976 no Institut des Hautes Études de Défense Nationale (texto integral no *Le Monde*, 4 de junho de 1976). In: DELEUZE, 1996.



**FIGURA 4.** “Porque você matou minha família?” – Iêmen, 2014.



**FIGURA 5.** “Hoje Líbia, Amanhã Wall Street”  
*Líbia após o assassinato de Muammar al-Gaddafi, 20 de outubro de 2011.*

## BIBLIOGRAFIA

- ASSANGE, J. *Wikileaks - a Guerra de Julian Assange Contra Os Segredos de Estado*. Leigh, David; Harding, Luke; Pilkington, Ed. Boitempo. 2013.
- BERARDI, F. Time, Acceleration, and Violence. E-flux jornal #27, Setembro de 2011.
- \_\_\_\_\_. *AND: Phenomenology of the End – Cognition and sensibility in the transition from conjunctive to connective mode of social communication*. N-1. Aalto University, Helsinki, 2014.
- BRAMAN, Sa. *The Emergent Global Information Pollicy Regime*. Houndsmills, UK: Palgrave Macmillan, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Change State - Information, policy, and power*. Cambridge-Mass: The MIT Press, 2006.
- BROWN, W. Princeton University Press, 2006.
- CHAMAYOU, G. *Teoria do Drone*. São Paulo: Cosacnaify, 2015.
- COYNE, R. *Technoromanticism: digital narrative, holism, and the romance of the real*. Cambridge: MIT Press, 2001.
- DELEUZE, G.. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. 1ª ed. 1977. São Paulo: Editora 34, 2010.
- ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*. 1ª ed. LUMENS, Paris, 1968.
- FILHO, F. F.; ARAUJO, J. P. *Caos, incerteza e teoria era pós-keynesiana*. Ensaios FEE, Porto Alegre, v.21, n.2, p.163-182, 2000.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987. [Versão em francês: FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1996.]
- GALLOWAY, A. *Protocol - How Control Exists after Decentralization*. MIT Press, 2004.
- GUATTARI, F. *CAOSMOSE: Um Novo Paradigma Estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GORZ, A. Entrevista. in: *Journal Multitudes*, n.15. 2004/1. Disponível em: <http://www.cairn-int.info/journal-multitudes-2004-1.htm> Acesso 28/03/2016. In.: MOUFFE, Chantel. *Agonistics: Thinking the world politically*. Verso, 2013.
- KASTRUP, V., ESCOSSIA, L., PASSOS, E. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- LAZZARATO, M. *Signos, máquinas e subjetividades*. São Paulo: Ed. N-1. 2014.
- MATTELART, A. *Sociedade do conhecimento e controle da informação e da comunicação*. In: *ENCONTRO LATINO DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA*. 5, Salvador, 2005. p.1-22. Disponível em: <http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/>. Acesso em: 17 de outubro, 2016.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal*. 19a Ed; Rio de Janeiro: Record, 2010.
- TRIVINHO, E. *A Dromocracia Cibercultural*. Ed. Paulus, 2007.
- VIRILIO, P. *Micropolítica da segurança - micropolítica do terror*. In.: *O Espaço Crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1993.